



VISTA D'AVEIRO.

PORTUGAL.

XX.

AVEIRO.

I.

A CIDADE d'Aveiro, que ainda no meiado do seculo passado era villa, contada entre as mais nobres e populosas do reino, passou no reinado do Sr. D. José á cathegoria que tem hoje, sendo elevada a sé episcopal, desmembrando-se esta nova diocese da antiga de Coimbra, e reconhecendo por metropolitana a igreja bracharense. Tem o titulo de nobre e notavel, e na antiga legislação e systema

2.^a SERIE — VOL. II.

JANEIRO 21 — 1843.

politico gozava de voto nas côrtes dos tres estados, e de muitos e singulares privilegios, que ultimamente tinham sido confirmados em 1641 pelo Sr. rei D. João 4.º Por occasião do exterminio da familia dos duques d'Aveiro, sob pretexto d'assassinio intentado contra a pessoa d'elrei D. José, subiu a tanto o rancor que até foi mudado o nome a esta cidade, que dera o titulo áquella casa infeliz, e o mudaram para *Nova-Bragança*; alteração que breve durou, nem deixou lembrança no povo, anniquilada logo no subseqüente reinado.

Aveiro está situada em mediana elevação ao longo das margens do Vouga, quasi toda na direcção de norte a sul, e cercada de uma campina fértil, povoada de quintas e hortejos, e abundante em aguas nativas. Póde considerar-se dividida em cinco partes, uma das quaes é a mais antiga, comprehendida no recinto amuralhado, obra do infante D. Pedro, filho de D. João 1.º; as outras quatro tem a disposição de suburbios, ou arrabaldes: ao norte vão-se levantando as ruas pelo bairro-novo até a ermida da Sr.ª d'Alegria: e para o sul na parte mais alta da cidade estende-se a formosa alameda, entre a porta dita de Vagos e o convento de St.º Antonio, bello passeio donde se desfructa agradável vista do rio e do campo adjacente: contribue para a frescura do sitio uma fonte, das cinco que se numeram na povoação, além de muitos mananciaes na visinhança, de que os moradores se aproveitam para régas, e para usos domesticos, entrando a nascente da Ribeira, copiosa e sadia, que por um aqueducto é conduzida ao chafariz da praça, de quatro bicas, e tão visinho da ria que muito facilita as aguadas aos mareantes.

O porto é formado por um esteiro fundo ou ria, pelo qual ascende a maré a misturar-se com as aguas da foz da Vouga, que por aqui vem, engrossado com varias ribeiras, pagar seu tributo ao oceano: a especie de pequeno golpho em frente da cidade é retalhado em ilhotas ou lesirias, parte cultivadas, e parte aproveitadas em marinhas. A barra é mui susceptivel de entulhar-se e de variar de posição como a da foz do Douro, em rasão dos bancos d'arêa movediços: della e da capacidade de seu porto nasceu, e ainda agora depende, a prosperidade de Aveiro, que já pelo commercio, navegação e pescarias, em outros tempos se fez assaz opulenta, e conseguiu grande importancia no reino, pois que em 1550 contava doze mil almas, e possuia mais de 150 navios mercantes, expedindo annualmente 60 á pesca do bacalháu no grande banco da Terra-Nova (*), e cem carregados de sal de suas marinhas [hoje mui estragadas e perdidas] para as provincias do Norte e para a Galiza. — Tão florecente estado successivamente decahiui desde 1575 até o fim do seculo 17.º á medida que o porto se entulhava; porem no principio do presente seculo o mal chegou ao seu auge: o movimento continuo das arêas ao longo da costa removêra a barra para o sul até perto de Mira, isto é, mais de 15 milhas da sua primitiva situação. Os férteis campos d'Aveiro, que outr'ora produziram, segundo dizem, trinta mil moios de trigo, e as grandes marinhas que rendiam, igualmente por anno, dezeses mil moios de sal, soffreram as fataes consequencias daquella alteração: além de que o terreno, dantes espaçoso e fértil, se converteu em ala-

(*) Vid. o extenso artigo, que sobre a Terra-Nova e a pesca do bacalháu escrevemos a pag. 10 e seg. do vol. 3.º da primeira Serie.

gadiço, productor de miasmas, que despovoaram a cidade e arredores, fazendo o clima insalubre em summo gráu. — Era ministro d'estado em 1801 o conde de Linhares, e procurou-se remediar o mal: dois engenheiros, o brigadeiro Oudinot e o tenente coronel, Luiz Gomes de Carvalho (::) foram encarregados de apromptar o plano; e com effeito sob as suas ordens tiveram começo os trabalhos em 1802. Partindo Oudinot para a Madeira ficou a inspecção commetida a Gomes de Carvalho, e concluiu-se a obra a 3 d'abril de 1808, montando a despeza total a cem contos de réis. Formou-se o porto d'Aveiro pela construcção de um dique de 1:210 braças d'extensão por uma largura media de 72 palmos, elevando-se em todo o comprimento muitos palmos acima das mais fortes marés d'inverno. Por meio desta represa ou dique, que atravessava inteiramente o Vouga, conseguia-se que as proprias aguas do rio servissem de desimpedir a barra, e levar comsigo as dunas ou baixos d'areias, que lhe obstruam a foz em communicação com o mar. Esta grande obra hydraulica requeria vigiada, e conservada por ulteriores trabalhos.

Propriedade litteraria.

AVISO CONTRA SALTEADORES.

Se ha no mundo paciencia e equanimidade heroica, tem-no sido sem a minima contradicção, por mais de cinco ou seis annos, a da imprensa portugueza, espoliada traiçoeiramente por alguns beduinos e traficantes litterarios, que assentaram as suas tendas de aduar, não nos desertos da Africa, mas na capital de um robusto e florescente imperio. Como succede quasi sempre ás grandes virtudes, a nossa tem, porventura, sido attribuida a motivos menos honrosos—ao desleixo ou á fraqueza; porque em lugar de com o soffrimento movermos esses miseraveis a envergonharem-se do seu torpissimo proceder, só temos visto em resultado levarem as suas rapinas ao ultimo ápice do descaramento alárabe. É preciso, pois, que saibam que a paciencia humana tem, como tudo, um termo.

Algun ou alguns livreiros francezes estabelecidos no Brasil tomaram para honesto modo de vida roubar quanto a imprensa de Portugal produz. Seja bom ou seja máu, não ha livro, folheto, artigo de jornal popular, que não seja reproduzido pela imprensa franceza da America. É como o sacco de qualquer cidade da Europa dado pelos soldados de Buonaparte: vai tudo. Da altura da sua enorme sciencia e civilisação gallicana aquella boa gente olha com soberano desprezo para o publico brasileiro: «este povo rude e ignorante — dizem elles na profundeza dos seus pensamentos — lê sem entender, e esquece-se do que tem lido; lancemos nas columnas dos nossos jornaes-ecchos, dos nossos livros-alheios, quanto em Portugal se pensar e escrever. Que importa que os brasileiros o hajam lido em primeira mão? É um negocio de tempo. Quando cá sair a lume já o terão esquecido, e nós ganharemos dinheiro.»

Tanto é esta opinião insolente e ingrata a que preside a tão baixo latrocinio, que nesses jornaes com-

(::) Deste sabio engenheiro ha uma memoria sobre a barra do Douro, com a planta, em o 9.º tom. das da Acad. das Scienc.

postos unicamente de farrapos, mal cirzidos, dos jornaes populares portuguezes, nunca se encontrará a indicação, nem o nome do pobre espoliado. Estas indicações e estes nomes revelariam claro como o dia que os adellos litterarios não teem de seu para trazerem á praça nem a mais somenos mercadoria.

Ha um fado antigo que pésa sobre este mesquinho Portugal, e que, segundo cremos, a experiencia de muitos seculos converteu n'um desses rifões, que representam e resumem a sabedoria do povo. Tudo quanto é rapinavel e rapinado tem entre nós uma denominação característica: chama-se-lhe *roupa de francezes*; porque os successos da nossa historia nos hão bem á nossa custa provado que no meio daquella nação, aliás generosa e honesta, ha muitos homens promptos sempre a lançar mão de tudo o que podem tirar sem resistencia e converte-lo em substancia propria. Os saltos dos normandos e lotharingios nas costas do Minho e da Beira durante o seculo 12.º: as depredações de Duguesclin e dos seus homens d'armas, a soldo dos reis de Castella, no fim do 14.º; as piratarías dos armadores da Bretanha e Normandia que no 16.º infestavam os nossos mares da Europa e da Africa; o sacco do Rio de Janeiro nos primeiros annos do 18.º; a invasão do principio do 19.º, em que ficaram as igrejas de Portugal sem um lampadario, sem uma custodia, sem um vaso sagrado; todos estes factos sanctificaram o rifão, e levaram até a ultima evidencia que sobre nós pesava o fatal destino, symbolizado na phrase popular.

Quando, porem, parecia que já neste pobre e humilhado paiz não haveria que roubar, acha o genio inventor de algum ou d'alguns francezes, que nem o fructo do pouco ou muito estudo, do muito ou pouco talento — propriedade sagrada entre todas as propriedades — se nos devia deixar. Depois de nos devorarem as mais remotas e menos legitimas riquezas de qualquer povo, as colonias e conquistas, espoliaram-nos dos bens mais domesticos, mais queridos, mais respeitaveis — os instrumentos do nosso culto; e como estas eram as ultimas raias do mundo material, ultrapassando-as, vieram ainda buscar-nos as tão tenues facultades da intelligencia.

Mas se, relativamente a Portugal, este proceder é o de salteadores covardes, relativamente ao Brasil é, alem disso, insultuoso e calumniador. Não seria o engenho brasileiro capaz de produzir obras d'arte ou de sciencia? Ahi estão as publicações americanas — verdadeiramente americanas — que respondam por nós. O jornal do Instituto Historico, o da Sociedade auxiliadora da Industria, o fazem cabalmente. Estas publicações e muitas outras, periodicas e não periodicas, dão testemunho de que tambem no grande imperio da America meridional ha sciencia grande e profunda, ha letras, ha engenho. Se os especuladores da imprensa pertendem empregar-se no commercio das letras, convoquem os filhos do Brasil, que podem e sabem, tão bem como os de Portugal, preencher honrosamente o ministerio de escriptores, e recompensem o seu trabalho, como se pratica por toda a parte; como se pratica entre nós. Então o seu commercio será honestamente proveitoso para elles, util para as letras brasileiras, e glorioso para o Brasil, em vez de ser uma calumnia affrontosa contra a nação que os acolheu, e um roubo insolente contra as empresas typographicas da Europa, e contra os interesses

dos homens da sciencia e da arte, nascidos alem do Atlantico.

Queremos nós com isto negar a qualquer editor de uma publicação periodica a faculdade de transcrever um ou outro artigo das publicações analogas, feitas em Portugal, um ou outro trecho dos livros portuguezes? Não por certo: tal pertença seria absurda. Ha cousas que pela materia ou pela forma podem interessar os leitores do Brasil, e nesse caso, posto que os livros e periodicos de Portugal não sejam raros no Novo-Mundo, será um serviço feito á illustração nacional o dar a tal escripto a maior publicidade possivel: — sê-lo-hia até á gloria de seu auctor. Mas nisto ha discernimento e escolha; não ha o que se pratica hoje; não se misturam estupidamente diamantes com velorios, ouro com lentejoulas: cita-se o titulo da publicação, ou o nome do auctor que se copia. Similhante procedimento é o dos homens honestos, o contrario ou é inclassificavel, ou pertence-lhe incontestavelmente a qualificação que acima lhe demos.

Que esse individuo, ou individuos, que se dizem membros de uma nação illustre, aprendam do proprio paiz onde vivem, e de cuja hospitalidade abusam, a respeitar a propriedade alheia. Quando os editores dos jornaes brasileiros mais graves e profundos, julgam dever dar nas columnas delles logar a composições portuguezas, jámais se esquecem dos deveres do homem probo, e escrupulosamente indicam as fontes a que recorreram. Os que talvez no seu orgulho acreditaram ter levado ao Brasil a diffusão das luzes encerrada nos seus caixões de typo, podem ahi receber lições — se acaso a sua comprehensão tanto alcança — de verdadeira illustração, e o que mais é, de verdadeira honestidade.

Appelamos para o bom juizo dos brasileiros, para a opinião publica, para aquelles que por mais de um titulo são nossos irmãos — os litteratos do imperio. Trata-se não só de nós, não só dos interesses de Portugal; trata-se igualmente do Brasil, da sua gloria, do futuro dos seus escriptores. — A questão da propriedade litteraria é hoje uma gravissima questão da velha Europa: a immoralidade internacional neste objecto capitalissimo é um dos cancos que a devoram. Não consintam os brasileiros que este ou aquelle estrangeiro possa innocular livremente n'um povo virgem um virus que corroe as nossas sociedades decadentes. Em Portugal isto só produz damnos individuaes: no Brasil produzirá um damno commum. Nós podemos dizer-lhe: *Res vestra agitur*.

Agora que os cirzidores d'alheiros farrapos transcrevam como seu este artigo.

A. Herculano.

O ROBO.

1128.

II

Dom Bibas.

O castello de Guimarães, qual ahi existia nos principios do seculo 12.º, differença-se entre os outros, que cobriam quasi todas as eminencias das honras e préstamos de Portugal e da Galliza, por sua fortaleza, vastidão, e elegancia. A maior par-

te dos edificios desta especie eram apenas então um aggregado de grossas vigas, travadas entre si, e formando uma serie de torres irregulares, cujas paredes, muitas vezes feitas de cantaria sem cimento, mal resistiam aos golpes dos arietes e aos tiros das catapultas, ao passo que os madeiros que ligavam esses fracos muros, e lhes davam certo aspecto de fortificação duradoura, tinham o grave inconveniente de poderem facilmente incendiar-se. Assim não havia castello, onde entre as armas e bastimentos de guerra não occupassem um dos mais importantes logares as amplas cubas de vinagre, liquido que a experiencia tinha mostrado ser o mais proprio para apagar o alcatrão incendiado, que como instrumento de ruina usavam nos sitios dos logares afortalezados. Quando o gato ou a vinea, especie de barraca ambulante, coberta de couros crús, se approximava, pesada e lenta como um espectro, aos muros de qualquer castello, em quanto os cavalleiros mais possantes arcavam com pedras enormes, levando-as aos vãos das ameias, para dahi as deixarem cahir sobre o tecto da machina, os peões conduziam para o lanço de muralha ou torre, a que esta se dirigia, uma quantidade daquelle liquido salvador capaz d'abafar as chamas, involtas em rolos de fumo fétido, que não tardariam a lambar as traves angulares do guerreiro edificio. Muitas vezes essas precauções eram inuteis, principalmente contra os sarracenos. Entre estes uma civilisação immensa tinha moderado o fanatismo, quebrado os brios selvagens, diminuido a robustez physica dos homens d'armas: a sua mestria, porem, da arte da guerra suppria estas faltas e equilibrava nos combates o soldado musslim com o guerreiro christão mais robusto, mais fanatico e por isso mais impetuoso do que elle. Era principalmente nos assedios, quer defendendo-se, quer accommettendo, que os arabes conheciam todo o preço da propria superioridade intellectual. As suas machinas de guerra, mais perfeitas que as dos nazarenos, não só pela melhor combinação das forças mechanicas, como pela maior variedade de engenhos e invenções, davam-lhes notaveis vantagens sobre a grosseira tactica dos seus adversarios. Sem o soccorro da vinea os arabes sabiam incendiar de longe os castellos com os scorpiões arrojados pelas manganellas de fogo. De enxofre, salitre e naphtha compunham elles um mixto terrivel, com que despediam dos engenhos globos de ferro cheios do mesmo composto, que serpeando e sussurrando nos ares iam estourar, e verter dentro dos muros assediados uma especie de lava inextinguivel e infernal, contra cuja violencia eram baldadas quasi sempre todas as prevenções, e não menos baldadas a valentia e a força dos mais duros cavalleiros e homens d'armas.

Mas o castello de Guimarães podia, do tezo sobre que estava assentado, olhar com tranquillo desdem para os formidaveis e variados engenhos militares de christãos e de sarracenos. A melhor fortaleza da Galliza, o Castro Honesto, que o mui poderoso e venerando senhor Diogo Gelmirez, primeiro arcebispo de Compostella, reformára de novo, com todo o esmero de quem sabia ser aquelle Castro como a chave da extensa Honra e Senhorio Compostellano, era, por trinta leguas em roda, o unico talvez que ousaria disputar primazias com o de Guimarães. Como a daquelle, a cárcova deste era larga e profunda; as suas barreiras amplas e defendidas por boas barbacans; as suas muralhas, tor-

readas com curtos intervallos, altas, ameiadas e desmarcadamente grossas, do que dava testemunho o espaçoso dos adarves que corriam por cima dellas. O circuito, que tão temerosas fortificações abrangiam, encerrava uma nobre alcáçova, que, tambem coberta d'ameias, campeava sobranceira aos lanços de muros entre torre e torre, e ainda assoberbava estas, á excepção da alvarran ou de menagem, que macissa e quadrangular, com os seus esguios miradourôs bojando nos dois angulos exteriores, e erguida sobre o escuro portal da entrada, parecia um gigante em pé e com os punhos cerrados sobre os quadris, ameaçando o burgo rasteiro e humilde, que lá embaixo no sopé da encosta se encolhia e apoquentava, como villão que era, diante de tamanho senhor.

Mas não vedes ahi ao longe, por entre a casaria da povoação e a verdura das almoínhas, que, entresachadas com os edificios burguezes, servem como de vasto tapete, onde assentam os pannos de muros alvos, e os telhados vermelhos e aprumados das casas modestas dos peões? — Não vedes, digo, a alpendrada de uma igreja, a portaria de um acisterio, a grimpa d'um campanario? É o mosteiro de D. Mumadona: é um claustro de monges negros: é a origem desse burgo, do castello roqueiro e dos seus paços reaes. Havia duzentos annos que neste valle viviam apenas alguns servos, que cultivavam a villa ou herdade de Vimaranes. Mas o mosteiro edificou-se, e a povoação nasceu. O ameno e aprazivel do sitio attrahiu os poderosos; o conde Henrique quiz ahi habitar algum tempo, e sobre as ruinas de um fraco e pequeno castello, a que os monges se acolhiam ante o assolador tufão das correrias dos mouros, se alevantou aquella machina. O trato e frequencia da cõrte enriqueceu os burguezes: muitos Francos, vindos em companhia do conde, ahi se tinham estabelecido, e os *homens de rua*, ou moradores do burgo, constituiram-se em sociedade civil. Então surgiu o municipio: e essas casas, aparentemente humildes, encerravam já uma porção do fermento da resistencia anti-theocratica e anti-feudal, que espalhado gradualmente pelo paiz, devia em tres seculos pôr manietados aos pés dos reis a aristocracia e a theocracia. Os imperantes supremos, enfarados já na caça, que abasteceria de futuro as mesas dos banquetes triumphaes dos seus successores, atrelavam presto della os lebréus: punham o concelho ao pé do castello, do mosteiro, e da cathedral. Guimarães breve obteve do conde um foral — uma carta de municipio, tudo *pro bono pacis*, como reza o respectivo documento.

É nesta alcáçova, cingida das suas fortificações lustrosas, virgens, elegantes, e todavia formidaveis, onde a nossa historia começa. Habitavam então nella a mui virtuosa dona, e honrada rainha, D. Thereza, infanta dos portuguezes, e o mui nobre e excellente senhor Fernando Perez, conde de Trava, consul da terra portugualense e da colimbriense, alcaide-mór na Galliza do castello de Pharo, e em Portugal dos de Santa Ovaia e de Soure. Era elle a primeira personagem da cõrte de Guimarães depois de D. Thereza, a *formosissima infanta*, para nos servirmos do epitheto que em seus diplomas lhe dava o conde D. Henrique, o qual devia saber perfeitamente se esta denominação lhe quadrava. Apesar de entrada em annos, não cremos que na epocha a que se refere a nossa narrativa, este epitheto seja inteiramente anachronico, por-

que nem a bastarda d'Affonso 6.^o era ainda idosa, nem devemos imaginar que a affeição de Fernando Perez fosse crua e simplesmente um calculo ambicioso.

Esta affeição, porem, ardente e mutua, como pelo menos parecia ser, sobremaneira affiava, tempos havia, as linguas dos maldizentes. Pouco a pouco muitas graves matronas, em quem a idade fizera seu officio de mestra da virtude, se tinham alongado da cõrte para suas honras e solares. Com mais alguma resignação as donzellas offerciam a Deus o proprio soffrimento em presenciar este escandalo. Demais, a vida cortezã era tão risonha de saráus, de torneios, de banquetes, de festas! — alegravam-na tanto a chusma de cavalleiros mancebos, muitos dos quaes tinham pela primeira vez vestido as armas na guerra do anno antecedente contra o rei de Leão! — Alem disso, que igreja havia ahi, a não ser a sé de Braga, onde as solemnidades religiosas fossem celebradas com mais pompa que no mosteiro de D. Muma, tão devotamente assentado lá embaixo no burgo? Que cathedral ou acisterio tinha orgão mais harmonioso que este? Onde se podiam encontrar clerigos ou monges, que em mais affinadas vozes entoassem um *gloria in excelsis*, ou um *exsurge domine*? Culto, amor, saráus, triplice encanto da idade media, como vos resistiriam estes corações innocentes? As donzellas, bem que lhes custasse, continuavam portanto a cercar a sua bella infanta, que muito amavam. As velhas, essas pouco importava que tivessem desaparecido.

Taes rasões, e varias outras, davam as damas a seus naturaes senhores, para continuarem a viver a vida folgada do paço: aos pais a devoção: aos maridos o acatamento á mui generosa rainha, de quem elles eram prestameiros e alcaides: aos irmãos, sempre indulgentes, a paixão pelas danças e torneios, cujo engodo elles melhor ainda sabiam avaliar. Debaixo, porem, destes urgentes motivos outro havia não menos poderoso, e em que nenhuma reparava, ou que, se reparava, não se atreveria a mencionar. Este motivo era uma bruxaria, um feitiço inexplicavel, uma fascinação irresistivel, que em todos aquelles espiritos um unico homem produzia. Causa incrivel, por certo, mas verdadeira como a propria verdade. — Palavra de romanista!

E não era lá nenhum grande homem; era um vulto de pouco mais de quatro pés d'altura; feio como um judeu; barrigudo como um conego de Toledo; immundo como a consciencia do celebre arcebispo Gelmirez, e insolente como um villão de behetria. Chamava-se de seu nome Dom Bibas. Oblato do mosteiro de D. Muma, quando chegou á idade, que se diz da rasão, por ser a das grandes loucuras, achou que não era feito para elle o remanso da vida monastica. Atirou ás malvas o habito, a que desde o berço o tinham condemnado: e ao cruzar a porta do acisterio, escarrou alli em peso o latim com que os monges começavam a empeçonhentar-lhe o espirito. Depois sacudindo o pó das suas çapatas, voltou-se para o mui reverendo porteiro, e por um esforço sublime de abnegação atirou-lhe á cara com toda a sciencia hebraica, que tinha alcançado naquella santa casa, gritando-lhe com uma visagem d'escarneo — *racca maranatha, racca maranatha* — e desaparecendo após isso, como a zevra perseguida desaparecia naquelles tempos aos olhos dos monteiros nas florestas do Gerez.

Não referiremos aqui a historia da solta mocidade do nosso oblato. Por mezes a sua vida foi uma destas vidas como era commumente naquella epocha, e o é ainda hoje, a do homem do povo que, a não ser nos claustros, tentava cravar os dentes no pomo vedado ao pobre — a mui illustre e aristocratica mandriice; — uma vida inexplicavel e mi-lagrosa, uma vida, na qual ao dia folgado de fartura e beberria impensadas seguiam muitos de perfeita abstinencia. A miseria, porem, lhe creou uma industria: Dom Bibas começou a sentir em si as inspirações de trovista e os garbos de folião: pouco a pouco a sua presença tornou-se tão desejada nas tabernas do burgo, como as cubas de boa cerveja, então bebida trivial, ou antes tão agradável como os effluvios do vinho, que naquella epocha ainda escaceava algum tanto nas taças dos peões. A fama de Dom Bibas tinha subido a altura incommensuravel, quando o conde Henrique assentou sua corte em Guimarães. Felizmente para o antigo oblato, o bufão que o principe francez trouxera de Borgonha, lançado entre estranhos, que mal entendiam seus motejos, conhecêra que era uma palavra sem sentido neste mundo, e houve por bem morrer, declarando a seu nobre senhor, em descargo de consciencia, que buscasse, entre os homens do condado, alguém que exercesse este importante cargo; porque sorte igual á sua esperava qualquer bobo civilisado da civilisada Borgonha, no meio destes selvagens estupidos do Occidente. Na curia dos barões, ricos-homens, e prelados, que então se achavam na cõrte, propoz o conde o negocio. Havia votos que tal bobo se não procurasse. Fundavam-se os que seguiam esta opinião em que nem nas leis civis de Portugal, Coimbra e Galliza — o livro dos juizes, — nem nos degredos do padre-santo, nem nos costumes tradicionaes dos filhos dos bem-nascidos, ou fidalgos de Portugal, havia vestigios ou memoria deste officio palatino. Venceu, porem, o progresso: os bispos e uma grande parte dos senhores, que eram francezes, defenderam as instituições patrias, e a alegre truanice daquella nação triumphou emfim da triste gravidade portugueza na cõrte de D. Henrique, bem como o breviario gallo-romano triumphára poucos annos antes do breviario gothico perante D. Affonso 6.^o

Foi então que Dom Bibas se viu elevado, sem protecções nem empenhos, a uma situação, a que nos seus mais ambiciosos e agradaveis sonhos de felicidade nunca tinha imaginado trepar. O proprio merito e gloria lhe puzeram nas mãos a palheta do seu antecessor, a gorra asini-auricular, o gibão de mil côres, e o saio orlado de guizos. De um para outro dia o homem illustre pôde olhar senhoril, e estender a mão protectora para aquelles mesmos que na vespera o apupavam. Diga-se, porem, a verdade em honra de Dom Bibas: até o tempo em que succederam os acontecimentos extraordinarios que começamos a narrar, elle foi sempre generoso, nem nos consta abusasse jámais do seu valimento e da sua importancia politica em damno dos pequenos e humildes.

O leitor que não conhecesse por dentro e por fóra, como se usa dizer, a vida da idade media, riria da pequice com que attribuímos valor politico ao bobo do conde de Portugal. Pois o caso não é de rir. Nos tempos feudaes o cargo de truão correspondia até certo ponto ao dos censores da república romana. Naquella epocha muitas paixões, so-

bre as quaes a civilisação estampou o ferrete d'ignobeis, ainda não eram hypocritas, porque a hypocrisia foi o magnifico resultado que a civilisação tirou de sua sentença. Os odios e as vinganças eram lealmente ferozes, a dissolução sincera, a tyrannia sem mysterio. No seculo dezeseis Philippe 2.^o envenenava seu filho nas trevas de um calabouço: no principio do decimo-terceiro, D. Sancho 1.^o de Portugal arrancando os olhos aos clerigos de Coimbra, que recusavam celebrar os officios divinos nas igrejas interditas, chamava para testemunhas daquelle feito todos os parentes das victimas. Philippe era um parricida, polidamente covarde: D. Sancho um selvagem atrozmente vingativo. Entre os dois principes ha quatro seculos nas distancias do tempo, e o infinito nas distancias moraes.

N'uma sociedade em que as torpezas humanas assim appareciam sem véu, o julga-las era facil. O difficuloso era o condemna-las. Na extensa escala do privilegio, quando um feito ignobil ou criminoso se praticava, a sua acção recahia, por via de regra, sobre aquelles que se achavam collocados nos degraus inferiores ao perpetrador do attentado. O systema das jerarchias mal consentia os gemidos: como seria portanto possivel a condemnação? As leis civis na verdade procuravam annular, ou pelo menos modificar esta situação absurda; mas era a sociedade que devorava as instituições, que não a comprehendiam a ella, nem ella comprehendia. Porque de reinado para reinado, quasi de anno para anno, vemos renovar essas leis, que tendiam a substituir pela igualdade da justiça a desigualdade das situações? — É porque semelhante legislação era letra morta, protesto inutil d'algumas almas formosas e puras, que pretendiam fosse presente o que só podia ser futuro.

Mas no meio do silencio tremendo de padecer incrível e de soffrimento forçado, um homem havia que, leve como a propria cabeça, livre como a propria lingua, podia descer e subir a ingreme e longa escada do privilegio, soltar em todos os degraus della uma voz de reprehensão, punir todos os crimes com uma injuria amarga, e patentear deshonoras de poderosos, vingando assim, muitas vezes sem o saber, males e oppressões de humildes. Este homem era o truão. O truão foi uma entidade mysteriosa da idade media. Hoje a sua significação social é desprezível e impalpavel; mas então era um espelho que reflectia, cruelmente sincero, as feições hediondas de sociedade rachytica e incompleta. O bobo, que habitava nos paços dos reis e dos barões, desempenhava um terrivel ministerio. Era ao mesmo tempo juiz e algoz; mas julgando, sem processo, no seu foro intimo, e pregando, não o corpo, mas o espirito do criminoso no potro immaterial do vilipendio.

E elle ria—ria contínuo! Era rir diabolico o do bobo: porque nunca deixava de ir pulsar dolorosamente as fibras d'algum coração. Os seus dictos satyricos, ao passo que suscitavam a hilaridade dos cortesãos, faziam sempre uma victima. Como o cyclope da Odissea, na sala d'armas ou do banquete; nos balcões da praça do tavolado, ou das tauromachias; pela noite brilhante e ardente dos sarás; e até junto aos altares, ao reboar o templo com as harmonias dos canticos e psalmos, com as vibrações dos sons do órgão, no meio da atmosphera engrossada pelos rolos do fumo alvacentos do incenso, em toda a parte e a todas as horas, o bufão tomava ao acaso o temor que infundia o prin-

cipe, o barão, ou o illustre cavalleiro, e o respeito que se devia a dona veneranda ou a dama formosa, e tocando-os com a ponta da sua palheta, ou fazendo-os voltear nos tintinabulos do seu adufe, convertia esse temor e respeito n'uma cousa truanesca e ridicula. Depois envolvendo o character do nobre e grave personagem, atassalhado e cuspidor, n'um epigramma sangrento, ou n'uma allusão insolente atirava-o aos pés da turba dos cortesãos. No meio, porem, das risadas estrepitosas, ou do rir abafado, lançando de passagem um olhar brilhante e vago ao gesto confrangido e pallido da victima, e, como o tigre, recrudescendo com o cheiro da carniça, o bobo cravava de salto as garras naquella a quem odio profundo ou inveja solapada fazia saborear com mais entranhavel deleite a vergonha e abatimento do seu inimigo. Então a pallidez deste pouco a pouco deslisava n'um sorriso, e ia tingir as faces do cortesão que havia instantes se recreava folgado na vingança satisfeita. — Se era em banquete ou sarau, onde o fumo do vinho e a ebriedade que nasce do contacto de muitos homens juntos, das danças, do perpassar das mulheres voluptuariamente adornadas, do cheiro das flores, das torrentes de luz que em milhões de raios aquece o ambiente— a loucura ficticia do truão parecia dilatar-se, agitar-se, converter-se n'um turbilhão infernal. Os motejos e as insolencias volteavam sobre as cabeças com incrível rapidez: as mãos que iam unir-se para approvar estrondosamente o fel da injuria vertido sobre uma fronte odiada, ficavam muitas vezes immoveis, contrahidas, convulsas, porque entre ellas tinha passado a seta de um epigramma azeirado, e havia batido no coração ou na consciencia de quem imaginava só applaudir a alheia angustia. E por cima daquelle estrepito de palmas, de gritos, de rugidos d'indignação, de gargalhadas, que gelavam frequentemente nos labios dos que as iam soltar, ouvia-se uma voz esganiçada que bradava e ria, um tinir argentino de guizos, um som baço de adufe; viam-se brilhar dois olhos reluzentes e desvairados n'um rosto disforme, onde se pintava o escarneo, o desprezo, a colera, o desfaçamento, confundidos e indistinctos. Era o bobo que nesse momento imperava despotico, tyrannico, inexoravel, convertendo por horas a fragil palheta em sceptro de ferro, e erguendo-se altivo sobre a sua miseravel existencia como sobre um throno de rei — mais porventura que throno; porque nesses momentos elle podia dizer: «os reis tambem são meus servos!»

Tal era o aspecto grandioso e poetico daquelle entidade social exclusivamente propria dos tempos feudaes, padrão levantado á memoria da liberdade e igualdade, e ás tradições da civilisação antiga, no meio dos seculos da jerarchia, e da gradação infinita entre homens e homens. Quando, porem, chamámos miseravel á existencia do truão — a esta existencia que descreveramos tão folgada e risonha, tão cheia de orgulho, d'esplendor de predominio — era que nesse instante ella nos apparecêra sob outro aspecto, contrario ao primeiro, e todavia não menos real. Passadas estas horas de convivencia ou de deleite, que eram como uns oasis na vida triste, dura, trabalhosa, e arriscada da meia-idade, o bobo perdia o seu valor momentaneo, e voltava á obscuridade — não á obscuridade de um homem — mas á de um animal domestico. Então os desprezos, as ignominias, os máus tratos daquelles que em publico haviam sido alvo dos ditos agudos do cho-

carreiro cahiam sobre a sua cabeça humilhada cerrados como granizo, sem piedade, sem resistencia, sem limite: — era um rei desenthronizado; era o typo e o resumo das mais profundas miserias humanas. Se naquelles olhos então assomassem lagrymas, essas lagrymas seriam ridiculas, e cumpria-lhe traga-las em silencio: se um gemido se lhe alevantasse da alma, fóra necessario recalca-lo; porque lhe responderia uma risada: se a vergonha lhe tingisse as faces, deveria esconder o rosto; porque essa vermelhidão seria bafejada pelo halito de um dicto de torpeza: se uma grande colera lhe carregasse o gesto, tornar-lhe-hiam como remedio um insolente escarneo. Assim no largo tyrocínio de um difficiloso mister, o seu primeiro e capital estudo era varrer da alma todos os affectos, todos os sentimentos nobres, todos os vestigios da dignidade moral; esquecer-se de que havia no mundo justiça, pudor, brio, virtude; esquecer-se de que o primeiro homem entrára no paraizo animado pelo sopro do Senhor, para só se lembrar que sahira delle, já précito, por uma inspiração de Satanaz.

Tudo isso — dirá o leitor — é muito bom; porem não explica o prestigio, a especie de fascinação que D. Bibas exercitava no espirito das damas e donzellas da viuva do conde Henrique, a bella infanta de Portugal. Lá vamos. O nosso D. Bibas com os seus cinco palmos d'altura era um homem extraordinario, e a truanice essencialmente franceza tinha por arte delle feito em Portugal um verdadeiro progresso; estava visivelmente melhorada no terreno alheio, como os alperches, de que resa em seus cantares o adail dos poetas portuguezes. O novo bufão do conde Henrique ao começar os graves estudos e as difficilosas experiencias de que carecia para preencher dignamente o seu cargo, teve a feliz inspiração de associar algumas doutrinas cavalleirosas com os mais prosaicos elementos da chocarrice fidalga. Na torrente dos desvarios, quando mais violento derramava em roda de si a lava ardente dos dictos insultuosos e crueis, nunca dos labios lhe sahiu palavra que fosse despedaçar a alma de uma dama. D. Bibas debaixo da cruz da sua espada de lenho sentia bater um coração portuguez — portuguez da boa raça dos godos. Supponde o mais humilde dos homens; supponde a mais nobre, a mais poderosa mulher; que esse homem a salpique do lodo da injuria, e será tão infame e covarde como o poderoso entre os poderosos, que insultasse a donzella innocente e desvalida. E porque? Porque um tal feito sae fóra das raias da humanidade: não o praticam homens: não o julgam as leis: julga-o a consciencia, como um impossivel moral, como um acto bestial e monstruoso. Para aquelle que usa de similhante feridade, nunca luziu, nunca luzirá no mundo um raio de poesia? E ha ahí alguém..... — mais — ha ahí algum politico, ao qual ao menos não sorrisse uma vez esta filha do céu? Dom Bibas não pensava isto; mas sentia-o, tinha-o no sangue das veias. D'aquí a sua influencia; daqui o gasalhado, o carinho, o amor com que donas e donzellas tratavam o pobre truão. Quando contra este individuo, fraco, e ao mesmo tempo terror e flagello dos fortes, se alevantava alguma grande colera, alguma vingança implacavel, elle tinha um asylo seguro onde iam quebrar em vão todas as tempestades: era o bastidor, á roda do qual as nobres damas daquelles tempos matavam as horas tediosas do dia, bordando na reforçada tela com fios de mil côres historias de guerras, ou

folguedos de paz. Alli D. Bibas agachado, enovelado, sumido, desafiava o seu furioso aggressor, que muitas vezes sahia mal-ferido daquelle combate desigual, em que o bobo se cubria das armas mais temidas de um nobre cavalleiro — a protecção das formosas.

Tal era o personagem que em grande parte atrahia os corações feminis para a córte da bella infanta. Era um planeta obscuro á roda do qual gravitavam sóes: era o centro de systema astronomico um pouco diverso do nosso. Mas Copérnico ainda não tinha nascido para endireitar a machina do universo. Cremos, portanto, não haver commettido um anachronismo demasiado grosso. Todavia deixámos aos chronologos a averiguação do ponto, que não deixa de valer a pena.

E o mais é que este capitulo já vai largo, e ainda propriamente não começámos a narrativa. Falloremos no immediato. Entretanto não se persuada o leitor que tem adiantado pouco. Fica sabendo alguma cousa do systema militar do seculo 12.º, fazendo idéa clara do que era um bobo feudal, conhecendo o illustre Dom Bibas, e, sobretudo, acha-se á porta do castello de Guimarães, aonde forçosamente tinhamos de o conduzir, para presenciar os successos ahí passados no verão do anno de 1128, os quaes constituem o amago e substancia desta admiravel e mui veridica historia.

A. Herculano.
[Continúa].

EDUCAÇÃO.

DA UTILIDADE DAS IMAGENS NAS ESCOLAS.

Nos PAIZES em que estão mais aperfeiçoados os methodos do ensino publico, nas escholas primarias principalmente, se costumam collocar imagens em vulto ou em pintura que representam aos olhos, e offerecem á comprehensão dos meninos, passagens e successos de boa doutrina e moralidade, que imprimam em seus corações o amor do bem, e criem em seu peito a nobre emulação das acções virtuosas. Os instituidores e regedores destas escholas tem comprehendido muito santamente a utilidade pratica do preceito de Horacio que recommendava se fallasse mais pelos olhos do que pelos ouvidos aos homens carecedores d'instrucção. Se esta linguagem da vista é conveniente mesmo para instruir os adultos, muito mais aproveitará nas primeiras idades ordinariamente tão distrahidas, quanto cubiçosas d'espectaculos.

Segundo estes principios de reconhecida evidencia os inspectores das escholas primarias da Allemanha e da França n'alguns departamentos tem ordenado que nas aulas e nos salões de estudo das classes fossem collocadas certas imagens, cuja representação melhor servisse á instrucção moral dos meninos. Com effeito, quanto mais tenra fór a idade dos educandos tanto mais serão estes estranhos ás tristes realidades da vida, e ávidos pelo contrario das imagens que lhes representem os prodigios da Historia Sagrada, as obras de caridade e de misericordia, as acções louvaveis de toda a especie, os monumentos de todo o genero. Com sua memoria nova e viçosa, com sua imaginação fina e viva, com sua curiosidade e innocente ambição, comprehendem elles logo o objecto representado, decoram a sua historia, e vão repetir no seio de suas famílias estas narrações, e as scenas que estão costu-

mados a ver e contemplar diariamente nas escolas. Utilidade grande se tem tirado desta engenhosa instituição nas salas d'asylo da infancia onde de ha tempos se acha em vantajosa pratica, como fica observado a pag. 212 do vol. 2.º da primeira serie deste Jornal: igual proveito resultaria para os recolhimentos de meninas, nas reuniões mesmo mais particulares em que pessoas pias e caridosas costumam ás vezes juntar para educação primaria e gratuita os meninos da sua vizinhança?

Assim que, muito conveniente seria estabelecer por primeira condição do ensino primario, que nas aulas estivessem collocados alguns bustos ou pendurados paineis representando as scenas da criação, alguns acontecimentos característicos da vida do Redemptor, e de sua missão divina; as acções mais meritorias e abalisadas dos prophetas, dos patriarchas, e dos santos da antiga e nova lei; e os serviços, virtudes e patriotismo dos bons soberanos, e dos subditos que honraram o seu paiz e se consagraram ao bem da humanidade. Conformemente a esta tenção figurariam muito discreta e utilmente nas escolas alguns paineis que representassem: — a criação do mundo; — a primeira falta d'Adão e Eva que os reduziu em castigo de sua desobediencia, assim como a seus descendentes, á condição de pobres mortaes; — Noé salvado com seus filhos e netos do diluvio universal em premio de sua fé e da sua justiça; — Moysés despedaçando as taboas da lei, deixando abandonados a uma torpe idolatria os israelitas em punição de sua rebeldia; — Daniel impassível, e confiado, na cova dos leões, desarmados de sua fereza em respeito ao embaixador de Deus; — o Salvador do mundo nascendo n'um pobre e desabrido presepio para ensinar aos homens a suportar a humiliação e os trabalhos da vida humana; — os pastores e os reis rendendo homenagem ao Senhor dos céus e da terra, postoque nascido e envolto nas mantilhas da indigencia; — a fugida para o Egypto; — a bondade e omnipotencia de sua missão, ensinando na montanha, ressuscitando o filho da viuva de Naim; — Christo expirando no calvario entre dois facinorosos, levado ao suplicio pela mais negra ingratição a tantas obras de sua beneficente caridade; — S. Pedro prégando a doutrina do divino Mestre e convertendo 3:000 judeus; — S. Paulo no meio dos sabios no areopago d'Athenas indicando qual era o Deus desconhecido á philosophia pagaã — S. Carlos Borromeu vestido de sacco, e cingido de corda para aplacar o flagello da peste, e administrando a Eucharistia aos empestados de Milão; — S. Francisco Xavier ensinando o evangelho aos infieis á sombra dos palmares do Indostão; — o P.º Antonio Vieira catequisando e civilizando os indios do Brasil; — S. João de Deus consagrando sua vida ao serviço dos hospitaes; — a rainha Santa Isabel levando no seu regaço o pão que ella mesma ia distribuir aos pobres; — o grande rei D. Affonso Henriques prostrado no campo d'Ourique diante do rei do céu, do vencedor das batalhas; — D. João 1.º caminhando a pé até Guimarães cumprindo o voto feito á Senhora da Oliveira; — o condestavel reparando seus grandes bens por seus parentes e amigos para consagrar-se a uma profissão mais austera de virtude. — Emfim o tacto e bom gosto dos inspectores das escolas, e asylos, escolherá deste numero, e de outros factos que não faltam, os que mais adequados pareçam a um tão louvavel fim.

J. C. N. e C.

ANECDOTA INGLEZA.

O nariz, ou a lei rigorosamente entendida á letra.

QUEM residiu na Allemanha, e seguiu attentamente o estudo da jurisprudencia nesse paiz, conhece a sinceridade com que o sabio allemão pesquisa o espirito e profunda o sentido das leis e para penetrar seus principios verdadeiros sóbe á origem dellas. Em Inglaterra acha-se inteiramente o contrario: a letra da lei é tudo; perante o texto positivo nada são as inspirações da equidade natural: o que está escripto como lei é justo, meramente porque é lei; e o caracter positivo da nação britannica descobrese na observancia da sua legislação da mesma maneira que em os negocios correntes da sua industria e commercio. — Nos livros se tem dito muito ácerca do exaggerado respeito dos inglezes á letra da lei, e se tem citado por vezes singulares exemplos: o mais curioso em nosso entender é o que refere Muralt. — Um homem tinha decepado o nariz a outro; por este maleficio foi citado para o tribunal competente, e accusado do crime de mutilação. O advogado do réu, que bem sabia que o facto estava provado, procurou nos dictionarios de chirurgia o verdadeiro sentido da palavra *mutilação*, e viu que era a amputação ou destruição de um membro do corpo; procurando em seguida a palavra *membro* achou que não poderia dar-se este nome senão áquella parte do corpo que se compozesse de musculos, nervos, veias, e outras muitas cousas, metade das quaes o hom do letrado não divisava no nariz. Portanto fez consistir toda a defeza do seu constituinte em provar que o nariz, sendo destituido de certas partes essenciaes, que formam os outros membros do corpo, não devia chamar-se nem reputar-se membro. e que por isso o corte do nariz não constituia *mutilação* á face da lei, e que em conclusão o seu cliente, não obstante ser reprehensivel a acção que praticára, devia ser absolvido, como incompetentemente accusado do crime de *mutilação*. O jury adoptou este parecer, e o *desnarigador* ficou quite do delicto e no andar da rua. Mas ainda isto não é o mais interessante da historia: lembrou ao ministerio que a soltura do réu, pelas consequencias provaveis, ameaçava a existencia de todos os narizes em Inglaterra; pelo que levou ao parlamento uma proposta para determinar o genuino sentido da lei; uma solemne deliberação da assemblea legislativa declarou que o nariz era *membro*, e que os tribunaes e cidadãos assim o ficassem entendendo e houvessem por certo daquella data em diante.

Não ha no mundo alegria sem sobresalto; não ha concordia sem dissensão; não ha descanso sem trabalho; não ha riqueza sem miseria; não ha dignidade sem perigo; finalmente não ha gosto sem desgosto. — *Heitor Pinto.*

QUEM são os ricos neste mundo? Os que teem muito? Não; porque quem tem muito, deseja mais, e quem deseja mais, falta-lhe o que deseja, e essa falta o faz pobre. — *Vieira.*

O CAMINHO da verdade é unico e simples: e o da falsidade vario e infinito. — *Amador Arraes.*

A URBANIDADE faz parecer os homens exteriormente como elles devem ser interiormente. — *La Bruyere.*